

LER COM OS DEDOS¹

Expectativas de adultos analfabetos sobre a leitura do jornal

Ana Elisa Ribeiro²

***Resumo:** Este trabalho relata uma das etapas da pesquisa “Layout e leitura: multimodalidade, legibilidade e outras características de todo texto”, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da PUC-Minas. Neste artigo, apresentamos e analisamos os dados gerados por entrevistas feitas com quatro adultos em fase de alfabetização. Cada um deles teve contato com uma notícia de jornal e quatro simulações de diagramação, em que se alteravam os pesos, as saliências e o framing (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006) na relação entre blocos de texto e imagens. Os resultados apontam para a eficácia relativa do layout em interação com o letramento visual dos participantes entrevistados. Esse letramento auxilia na percepção da proposta gráfica do jornal e, em fases posteriores da alfabetização, pode influenciar aspectos da compreensão do texto.*

***Palavras-Chave:** Leitura. Letramento Visual. Layout.*

1. Ler e mapear

Este trabalho situa-se na interface entre estudos linguísticos, especialmente aqueles de extração psicolinguística (inclusive aí inspirando seus métodos), design e semiótica social, envidando esforços para uma melhor compreensão de como o letramento visual (DONDIS, 2000) está (e sempre foi) relacionado à competência de leitura, que, para nós, portanto, é inseparável de questões de forma e de conteúdo, de *layout* e de texto verbal.

As questões que nos propomos, desde Ribeiro (2008) e Ribeiro (2009), podem ser formuladas da seguinte maneira: Em que medida o letramento visual interfere na leitura de textos escritos? Para se considerar essa questão em sua interface com os estudos linguísticos, foi necessário obter subsídios da semiótica social de Kress e Van Leeuwen (2001; 2006) e resvalar nos estudos do design e da educação. Reelaborando a questão, pretende-se, portanto, saber em que medida o letramento visual dos sujeitos se relaciona à sua competência como

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho “Recepção, usos e consumo midiáticos”, do XIV Encontro da Compós, na PUC-RJ, Rio de Janeiro, RJ, em junho de 2010.

² Mestrado em Estudos de Linguagens do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, anadigital@gmail.com.

leitores de textos escritos na sociedade atual, considerando-se a gama extensa de suportes de texto hoje existentes, compostos ou suportados por diferentes tecnologias. Muito embora tenhamos escolhido como objeto de estudo o jornal impresso, a investigação aqui descrita poderia ser feita em telas de toda sorte. O que se deseja focalizar é quanto de *mapear* há na atividade de *ler*, sendo uma necessidade do leitor conhecer tamanho, escala, proporção, simetria, distância e outros elementos do texto inscrito em algum tipo de página.

2. Layout

Multimodalidade é um termo que vem sendo utilizado em estudos que dizem respeito à expressão dos sentidos por meio de diferentes linguagens, especialmente na relação entre texto verbal e imagem. Para Kress e Van Leeuwen (2001, p. 124) “a multimodalidade não é um fenômeno novo em qualquer sentido, mas sempre foi um elemento das semioses sociais. Então por que o interesse agora?” Segundo eles mesmos respondem, porque, muito embora a cultura ocidental tenha sempre parecido dar preferência ao que chamam de “monomodalidade”, a imagem vem ocupando espaço, obtendo relevância e o letramento visual será, muito em breve, uma questão de sobrevivência.

A despeito de essas relações estarem mais evidentes agora, o leiaute recebe pouco tratamento nos estudos de multimodalidade, mesmo na obra de Kress e Van Leeuwen. O que é leiaute? Trata-se de uma modalidade? Flagram-se vários tipos de respostas a isso em algumas obras dos autores. É o caso do livro de 2001 (p. 1), em que afirmam que, na cultura ocidental, “os gêneros textuais mais valorizados (romances, tratados acadêmicos, documentos oficiais etc.) são feitos inteiramente sem ilustração, são graficamente uniformes, com densas páginas impressas”. O que se pode depreender da afirmação é que “densas páginas impressas” sem ilustração são páginas monomodais, tornando-se o leiaute um aspecto ignorado da peça impressa. A despeito disso, também se afirma que “todos os aspectos da materialidade e todas as modalidades encontradas em um objeto/fenômeno/texto multimodal contribuem para o significado” (KRESS; VAN LEEUWEN, 2001, p. 28). Se é assim, o leiaute deve ter seu lugar na orquestração dos sentidos dados por modalidades diversas.

O design, para os autores, está “a meio caminho entre o conteúdo e a expressão. É o lado conceitual da expressão, e o lado expressivo do conceito” (2001, p. 5). É o design que realiza “discursos em dado contexto de comunicação”. Mas será o leiaute uma modalidade?

Segundo os autores, “Para produtores de revistas, jornais e livros ele certamente é: as formas do layout são distintivas, práticas regulares, com efeitos regulares, ‘aparências e estruturas’” (KRESS; VAN LEEUWEN, 2001, p. 60).

E o que é leiaute? É a “‘orquestração’ das modalidades”, uma “ordem espacial” na qual os elementos são colocados e a configuração que indica “quanto são salientes, de que maneiras eles foram dispostos em relação uns aos outros ou ligados uns aos outros, como superposição, harmonia de cores, etc.” (KRESS; VAN LEEUWEN, 2001, p. 120). O que pode estar implicado no leiaute? Inspirados em Kress e Van Leeuwen (2006), trataremos de categorias como o *framing* e a saliência no design da página, considerada como um sistema ou como um texto integrado a partir de alguma lógica perceptível. Composições textuais multimodais, para os autores, são formadas por três elementos, quais sejam: o valor de informação, a saliência e o *framing*. O valor da informação relaciona-se com a zona em que os elementos da página são colocados; a saliência tem efeitos sobre a atração da atenção do leitor (contrastes, fundos, tamanhos relativos); e o *framing* depende da existência ou da ausência de elementos que conectam ou desconectam espaços, sentidos, informações (linhas, fios, cores, etc.).

Se na edição de 1996 de *Reading images* os autores ainda deixavam alguma dúvida sobre o fato de o *framing* ser um dos aspectos da multimodalidade, na segunda edição, revista, de 2006, eles dizem que “o framing é claramente um princípio multimodal. Pode haver framing não apenas entre elementos de uma composição visual, mas também entre as unidades escritas do layout de um jornal impresso ou de uma revista” (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006, p. 3), considerando-se entre esses elementos, por exemplo, linhas, descontinuidades, espaços em branco, etc. São modalizações cores, traços e posições de itens. Fica claro, então, que revistas e jornais são composições espaciais multimodais e que a modalidade ligada ao leiaute é de suma importância nessas peças gráficas, podendo haver não apenas orquestrações harmônicas dos elementos, mas também o que os autores chamam de “layouts anômalos”.

Para Kress e Van Leeuwen (2006, p. 202), “Os leitores de uma composição espacial são intuitivamente capazes de julgar o ‘peso’ de vários elementos da composição, além de avaliar o peso de cada elemento, assim como sua saliência”. Nós queremos dizer que os sentidos que podem ser produzidos pela modalidade implicada no leiaute são construídos por comunidades e pessoas letradas até mesmo antes que elas aprendam a ler ou sejam

plenamente alfabetizadas. O julgamento dos “pesos” e da saliência é anterior à modalidade escrita, e as trilhas dadas pelo leiaute podem ser apropriadas pelo interagente sem que ele saiba propriamente ler. Jornais oferecem ao leitor trilhas de leitura pouco sutis, mas muito dependentes das escolhas dele. Para Kress e Van Leeuwen (2006, p. 208), a linearidade e a não-linearidade dos textos são “dois modos de leitura e dois regimes de controle da produção de sentido”, podendo ser esse controle maior ou menor. Tratados como diagramas, os leiautes de jornais tentam fazer esse controle com imagens, palavras, tamanhos, cores, tons, boxes, ou seja, “participantes heterogêneos” com função principal de organização. Aprender a navegar por essas propostas é importante e, para nós, começa antes mesmo do reconhecimento das palavras.

Como desnaturalizar a leitura em sua camada visual, de modo a evidenciar a maneira como esse extrato do letramento está interpolado às habilidades leitoras mais ligadas à linguagem verbal? Se aprendemos a ler na escola, onde é que temos aprendido a ver e, mais do que isso, a navegar pelos projetos gráfico-editoriais com que travamos contato diariamente? Que propostas esses projetos nos fazem e como as compreendemos ou atuamos sobre elas? O mito do leitor passivo merece ser, pelo menos, abalado, muito embora os discursos contemporâneos sobre as maravilhas da tecnologia informática estejam ocupando lugar central nas discussões atuais, em diversas áreas.

Nesse contexto e movidos por essas questões, após trabalhar com leitores universitários (RIBEIRO, 2009) e com crianças pré-alfabetizadas (RIBEIRO, em preparação), passamos ao trabalho com adultos não-alfabetizados ou com baixíssima escolarização, trabalhando sobre o “layout anômalo” de jornais. Nortearam-nos as questões acima explicitadas, as quais exigiram uma metodologia que buscava obter dados sobre práticas leitoras com base na experiência com indivíduos analfabetos.

3. Letramentos, jornais e participantes

Os homens e mulheres participantes desta pesquisa vivem em um centro urbano de cuja paisagem a escrita faz parte. Letramento e numeramento se insinuam nas vidas cotidianas dessas pessoas, fazendo com que elas desenvolvam táticas para sobreviver às exigências de um mundo que, além de letrado, é burocratizado.

A Escola Municipal Dinorah Magalhães Fabri oferece Educação de Jovens e Adultos no turno da noite. Diretoria e professores foram receptivos à pesquisa e disponibilizaram

horários para que se pudesse entrevistar os alunos que se candidatassem a participar. Em conformidade com a literatura da área, o perfil dos estudantes com os quais tivemos contato é, em média, o do migrante que veio da zona rural e, na cidade, trabalha em atividades que exigem pouca qualificação (LIMA, 2009). Entre nossos entrevistados, em sua maioria idosos, estão pedreiros, faxineiras e muitos aposentados e pensionistas, cujas profissões não demandavam qualificação ou escolaridade.

Em razão de serem todos eles analfabetos e pouco letrados, era de se esperar que não relatassem o contato com jornais. De certo modo, no entanto, tabloides como o que apresentamos ao grupo de alunos circulam na cidade com altíssima capilaridade, inclusive, e talvez principalmente, entre grupos populacionais considerados C e D, para quem esses jornais também são dirigidos. O texto curto, o uso enfático das imagens grandes, o formato portátil, o preço baixo (R\$ 0,25) e a venda direta, muitas vezes sem a mediação das bancas de jornais, fazem com que esse tipo de jornal ganhe a simpatia de grandes contingentes da população. Guedes (2009) lembra que esse tipo de produto editorial “tem por objetivo atingir um público não contemplado pela mídia tradicional, privilegia o entretenimento, explorando, especialmente, como conteúdo editorial, os *fait divers* (...), fatos diversos que cobrem escândalos, curiosidades e bizarrices”. Uma exploração ligeira desses jornais, no entanto, dá conta de que o que é publicado no tabloide também foi publicado, muitas vezes com o mesmo texto, no jornal tradicional do mesmo grupo de comunicação. Não raro, a diferença entre o conteúdo do grande jornal e do tabloide está na quantidade de notícias. Esperava-se que os jovens e adultos da Escola Municipal Dinorah Magalhães Fabri pudessem ter tido algum contato com o *Super*, senão como leitores, ao menos como co-participantes em atos de leitura de seus filhos, noras, genros ou netos, já que se trata de um dos mais conhecidos tabloides de Minas Gerais.

4. Método

Com foco na relação entre letramento visual e as expectativas da leitura do jornal impresso, visitamos uma turma de alfabetização de uma escola municipal (rede de Belo Horizonte) que oferecia Educação para Jovens e Adultos (EJA) no turno da noite. A escola está localizada na periferia da cidade, em região de aglomerados conhecida como Vila Cemig, um dos maiores bolsões de pobreza da região metropolitana da capital mineira

(LIMA, 2009). O interesse demonstrado pelos presentes em participar das entrevistas foi espontâneo e explicitado com curiosidade e alegria.

Uma sala foi disponibilizada para que pudéssemos conversar com os estudantes. A edição de número 2441, de 15 de janeiro de 2009 (FIG. 1), foi selecionada para manipulação, já que oferecia elementos como páginas densas (FIG. 2) e que utilizam variados modos de configurar a relevância e o *framing* das notícias; e o que Kress e Van Leeuwen (2006) chamam de “layouts anômalos”, ou seja, a disposição espacial de notícias ou trechos delas de maneira inesperada ou impertinente (esse tipo de problema também foi abordado em RIBEIRO, 2009).

O trabalho que ora apresentamos relata a experiência com simulações de layout formuladas com a intenção de verificar, além de elementos da multimodalidade apontados por Kress e Van Leeuwen, as preferências dos sujeitos com base apenas em suas percepções visuais da página impressa.

Passou-se a apresentar aos jovens e adultos em fase de alfabetização simulações de uma notícia do *Super*. Esse tipo de teste ajuda a evidenciar preferências e comportamentos permitidos ou sugeridos pelo leiaute. A Fig. 1 mostra a página original do jornal, em que a notícia focalizada (“Falta equipe no combate”, p. 4) sobre prevenção da dengue, é diagramada de forma a evidenciar o texto principal, à esquerda, e a retranca, que seria um texto secundário, ocupando a região de baixo à direita.

Início da matéria com letra capitular. “Mesmo a secretaria...”



Texto secundário da matéria, iniciado com “Quando vemos a campanha...”. Além da posição do texto, ele é separado por um subtítulo em fundo verde.

FIG 1. Notícia do *SuperNotícia* em sua diagramação original.

As simulações de outras possibilidades de diagramação da página foram feitas com a ajuda de um designer, que manipulou a posição dos elementos na folha, trocando-os de lugar e, por vezes, alterando a saliência de algum deles.



FIG. 2. Simulação de diagramação do SuperNotícia, com alterações na configuração dos elementos da notícia e nos elementos da página, como anúncios publicitários. Imagens e blocos de texto foram trocados de lugar. O texto secundário ganhou peso, sendo colocado à direita em cima, ainda com intertítulo.



FIG. 3. Simulação de diagramação do SuperNotícia. O texto principal ficou à direita, mas sem a letra capitular. O texto secundário ficou à esquerda, em posição mais visível, ainda com intertítulo.



FIG. 4. Simulação de diagramação do SuperNotícia. O texto principal e o secundário foram alinhados, mantendo-se a capitular. O texto secundário ganhou um fundo verde.



FIG. 5. Simulação de diagramação do SuperNotícia. O texto principal ficou à esquerda, com capitular. O texto secundário foi colocado no alto, à direita, com fundo verde.

Esse tipo de teste ajuda a evidenciar preferências e comportamentos permitidos ou sugeridos pelo leiaute. Alguns elementos visuais sinalizam o texto principal – posição, letra capitular no início, ausência de fundo ou fio -, enquanto outros configuram a retranca – fundo colorido discreto, fio, intertítulo em destaque, além de características estruturais do próprio texto, como o fato de se fazer uma abordagem de um ângulo “menor” da reportagem. As fotografias estão dispostas como contrapeso das massas de texto e são legendadas.

Os estudantes eram apresentados a essas simulações e respondiam a questões como: Por onde gostariam de começar a ler (saliência); que elementos lhes pareciam mais importantes e atraentes (peso ou informatividade); e que relação há entre textos verbais e imagens (*framing*). Uma vez que não sabiam ler (em alguns casos, podiam apenas soletrar as letras maiúsculas que reconheciam), os alunos entrevistados passavam os dedos sobre o papel, traçando uma trajetória que indicava os pontos de partida e os caminhos por onde diziam preferir ler.

A seguir, serão apresentados os resultados da experiência de leitura dos alunos de EJA da Escola Municipal Dinorah Magalhães Fabri. Os nomes dos participantes são todos fictícios e foram escolhidos por eles mesmos.

5. Resultados e análise

Iniciamos nosso relato destacando aspectos da leitura de jornais que não estão diretamente relacionados ao espaço da página, mas ao espaço que esse objeto de leitura ocupa na vida dos estudantes entrevistados.

Muito embora o jornal seja um produto midiático e editorial de circulação massiva, ele não atinge todas as camadas da população. Adultos analfabetos são indivíduos que precisam estar informados, ao menos em relação a temas diretamente ligados às suas vidas em comunidades urbanas, como é o caso dos alunos de EJA da Escola Municipal Dinorah Magalhães Fabri. Essa necessidade de informação está desalinhada em relação ao estado de analfabetismo de certas populações, que desenvolvem, então, táticas para sobreviver bem sem depender da alfabetização ou da escolarização.

Nas entrevistas com o grupo de estudantes da escola em foco, foi possível perceber que a informação oralizada supre as necessidades informativas desses cidadãos. Por meio do rádio e da televisão eles ficam sabendo de informações que os ajudam a viver, a se deslocar, a procurar empregos e outras atividades.

Quando perguntados sobre a existência de jornais em casa, todos afirmaram conhecer o *Super* porque veem os filhos e vizinhos lendo e porque compram os jornais a pedido dos filhos, que são leitores. A apropriação indireta faz com que esses adultos percebam no jornal a possibilidade de encontrar emprego, saber sobre aluguel de imóveis ou saber preços de motocicletas, que foram as respostas dadas por eles. Para outros estudantes, o jornal é algo tão distante, que lhes serve para recortar ou para jogar fora. Segundo uma das estudantes, “detesto lixaiada em casa”. Analogamente, a pesquisa de Moreira (2002) relata a relação de uma criança pobre com o jornal, que lhe serve para se cobrir.

Ao observar as simulações da página do jornal, Lúcio, Merciana, Paulo e Rosária apontam elementos que lhes parecem indicar um trajeto de leitura. As respostas deles serão relatadas a seguir, de acordo com o que comentaram à medida que tinham contato com o jornal.

À época das entrevistas, a queda do avião da Airfrance (junho de 2009) era notícia em todos os jornais, em todas as mídias. A atualidade e a relevância atribuída a esse fato fez com que vários estudantes procurassem por imagens sobre isso no jornal. Lúcio começa sua relação com as páginas do *Super* perguntando sobre “é a notícia sobre o acidente de avião”. Não era o caso, mas isso aponta para uma compreensão da função de um jornal impresso.

Quando perguntado sobre o que via nas diversas páginas com a mesma notícia, Lúcia afirma que: “é a mesma, só que é Xerox”, indicando a percepção do modo de reprodução da página e o reconhecimento do suporte original.

Perguntado sobre que trajeto de leitura seria feito caso pudesse ler a notícia, Lúcio aponta os trajetos que faria em cada versão do jornal. Para a simulação 1, diz que começaria pelo título, que chama de “letronas”, apontando a eficácia do corpo de fonte como saliência. Merciana também afirma que começaria pelas “letras grandes”, assim como Rosária.

Ao passar para os blocos de texto, os estudantes de EJA fazem escolhas que dependem de sua percepção de peso, saliência e *framing*, já que não sabem ler. No caso da simulação 1, em que o texto principal está à esquerda, abaixo de uma imagem, iniciando com letra capitular, Lúcio aponta o texto principal como ponto de partida. Em seguida, aponta a retranca, intitulada com fundo verde. Merciana, Paulo e Rosária fariam o mesmo caminho, não sendo confundidos pela posição do texto secundário à direita. O posicionamento do bloco de texto à esquerda parece, então, mais eficaz do que outra opção, mesmo quando o intertítulo tem destaque com cores e tamanhos especiais.

No caso da simulação 2, em que a notícia foi deslocada para a parte de baixo da página (após anúncios publicitários coloridos) e o texto principal começa à direita, sem letra capitular, Lúcio afirma que começaria a leitura pelo texto principal. A letra capitular é ignorada por todos os leitores, que disseram, *a posteriori*, não saber sua função ou não ter “reparado” nela. Neste caso, houve uma divisão entre os quatro leitores entrevistados. Enquanto Lúcio e Paulo seguiriam um protocolo de leitura que começaria no texto principal, Merciana e Rosária apontam seu ponto de partida na retranca posicionada à direita, em cima, atraídas pelo peso do título em verde “Lições no trânsito”. Rosária sente-se ainda atraída pelos anúncios publicitários, que lhe chamam a atenção antes da notícia.

Na simulação 3, os blocos de texto estão alinhados na horizontal, com a retranca posicionada à direita, em zona morta, no entanto, com fundo verde em destaque. Lúcio aponta o início do texto principal como ponto de partida, o que fazem todos os colegas dele. O fundo chamativo não convence os leitores de que aquele seja o texto a ser lido primeiro. Isso nos leva a crer que o posicionamento dos blocos de texto é mais atrativo do que cores e mesmo o posicionamento das imagens.

Na simulação 4, em que o texto principal se inicia à esquerda com capitular, a alteração foi feita na cor da fonte da retranca de fundo verde. Rosária e Lúcio tomam a decisão de começar sua leitura por ali, indicando que o destaque conferido ao bloco os teria atraído.

6. Ponto de chegada

Este relato apresenta os resultados de entrevistas com adultos em fase de alfabetização em suas relações com o jornal impresso. Trata-se de parte de uma investigação maior que propõe o estudo do letramento visual em suas relações com a compreensão dos textos.

Os quatro estudantes que forneceram os dados aqui analisados demonstram conhecimento pouco específico da leitura de jornais, mas já bastante significativo. Se eles não tiveram a escola como agência dos letramentos legitimados pela sociedade, de alguma outra forma aprenderam a perceber a coordenação proposta pela diagramação do jornal, que lhes parece uma “interface amigável”.

O reconhecimento de colunas de texto, a diferenciação entre elas, a percepção de pesos diversos entre os blocos textuais e entre as fontes e as representações sobre a função do

jornal são aspectos raramente levados em conta quando se investiga o processamento da leitura. É importante frisar, no entanto, que ler é uma atividade composta por camadas de letramentos, sendo um deles o visual, que interfere e influencia outras camadas e não é menos importante do que elas. *Layouts* não são ingênuos ou neutros, já que são *discursos*. Passar os dedos sobre o papel é a única possibilidade que esses estudantes têm, por enquanto. Muito embora passem também os olhos pela página, seu *skimming* não vai além da superfície. O mergulho na compreensão depende de habilidades que, é o que se espera, esses cidadãos ainda desenvolverão.

Agradecimentos

Perla V. Barbosa Lima; equipe e alunos da Escola Municipal Dinorah Magalhães Fabri; prof. Júlio Pinto, pela supervisão da pesquisa de pós-doutorado; profa. Elisa Piedras, pela sugestão das simulações na Compós de 2009. Ana Cristina Ribeiro, pelos jornais e pelas simulações.

Referências

GUEDES, Maria da Consolação R. Jornalismo popular massivo: Quem é o leitor do Super Notícia? **XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Curitiba, PR, 4 a 7 setembro de 2009.

KRESS, Gunther; VAN LEEUWEN, Theodore. **Multimodal discourse. The modes and media of contemporary communication**. London: Hodder Arnold, 2001.

KRESS; Gunther; VAN LEEUWEN, Theo. **Reading images. The grammar of visual design**. 2 ed. London: Routledge, 2006.

LIMA, Perla V. Barbosa. **Uso pedagógico da sala de informática**. Representações de alunos da Educação de Jovens e Adultos da Escola Municipal Dinorah Magalhães Fabri. Monografia (Especialização em Linguagem e Tecnologia), Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais – CEFET-MG, Belo Horizonte, 2009.

MOREIRA, Nadja da Costa Ribeiro. Portadores de texto: concepções de crianças quanto a atributos, funções e conteúdo. In: KATO, Mary A. **A concepção da escrita pela criança**. 3 ed. Campinas, SP: Pontes, 2002.

RIBEIRO, Ana Elisa F. **Navegar lendo, ler navegando** – Aspectos do letramento digital e da leitura de jornais. Tese. (Doutorado em Estudos Lingüísticos, Linguagem e Tecnologia). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

RIBEIRO, Ana Elisa. O layout e a leitura: implicações da diagramação do jornal na compreensão leitora. In: 18o Encontro Anual da Compós, 2009, Belo Horizonte. **Anais Compós 2009**. Belo Horizonte : PUC Minas, 2009.

RIBEIRO, Ana Elisa. Como crianças percebem o *layout* antes de aprenderem a ler. (Em preparação).